

Semana do Índio

FOL UMA BOA
OPORTUNIDADE
PARA
EXERCITAR A
RETÓRICA DOS
BISPOS
E CORONÉIS

Os coronéis e burocratas da Funai (Fundação Nacional do Índio) dedando os bispos, padres e leigos do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), os bispos, padres e leigos do Cimi prometendo o inferno para os coronéis e burocratas da Funai, todos se achando o dono da verdade, é o estágio em que se encontra o debate em torno da questão indígena no Brasil. As notas e entrevistas, de um e outro lado, se caracterizam pelo radicalismo demagogo, pois não representam o verdadeiro pensamento do índio, uma vez que não lhe deixam falar.

Neste mês de abril, por ocasião das comemorações da Semana do Índio, foi farto de acusações. Em Manaus, o bispo de S. Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, acusou o general Golbery de, através do SNI, tramar contra a UNI - União das Nações Indígenas. Ele também esteve em Boa Vista e se recusou a conceder qualquer entrevista para a imprensa local, embora tenha falado para jornais do centro-sul clamando por uma "pátria Ameríndia". Por sua vez, em Brasília, o Coronel Nobre da Veiga, presidente da Funai, após ameaçar com "emancipação compulsória" os líderes indígenas, trouxe para participar das comemorações da Semana do Índio naquela cidade alguns índios da Ilha do Bananal. Os índios, ao perceberem que eram apenas meros figurantes no espetáculo, entregaram uma carta ao ministro Mário Andreazza denunciando a tramóia da Funai. "Ficamos surpresos e tristes pois não era para discutir os nossos problemas que a Funai chamou a gente. Parece que a Funai trouxe a gente para a exposição como se fôssemos gado dela, e ficamos aborrecidos", denunciou o Tuxáua Maluarê, dos Karajás, da aldeia de Santa Isabel.

Mas foi em Boa Vista, onde existe uma das maiores populações indígenas do Brasil e a atuação da Funai tem sido no sentido de criar conflito entre brancos e índios, que ocorreram os debates mais radicais e unilaterais da questão. Para cá se deslocaram D. Pedro Casaldáliga, Cláudia Andujar, coordenadora da Comissão pela Criação do Parque Yanomani e Renato

Ahtias, editor do jornal O Porantim.

Na noite de sexta-feira, 10 de abril, Cláudia Andujar, após apresentar sua série de slides sobre os Yanomani para o resto do Brasil, teve oportunidade de se manifestar em Boa Vista. A apresentação de Cláudia não foi seguida de debates porque o auditório estava totalmente lotado de estudantes e os raros conhecedores da questão não quiseram se manifestar em função da falta de argumentação da fotógrafa. Os slides, segundo ela, foram batidos entre 1972 e 1975, no período de construção da dispendiosa e inconseqüente rodovia Perimetral Norte, que cruza parte da terra dos Yanomani. A apresentação de Cláudia foi dividida em duas partes. Na primeira, ela apresenta os Yanomani vivendo no seu habitat natural, convivendo com a natureza. Na segunda, ela apresenta os índios sendo dizimados pelo sarampo, a gripe e a prostituição, após a construção da estrada.

O erro de Cláudia Andujar foi querer apresentar os índios sendo dizimados como se fossem fatos que estivessem ocorrendo agora e a culpa coubesse a população roraimense. Algumas pessoas no auditório se sentiram chocados com o que classificaram de "má fé" por parte de Cláudia Andujar. Argumentavam que a infeliz estrada cortou pequena parte da terra Yanomani, atingindo, "ainda bem, pequena parte das malocas que ficam ao Sul de Caracará. O grosso da população, ela sabe muito bem disso, fica muito mais acima". Lembravam que o Yanomani é vítima da orconcerose, doença que provoca a cegueira e é transmitida por um mosquito, atingindo quase a totalidade de sua população. "por que ela não diz isso? Para evitar que os médicos procurem descobrir um remédio para a doença e ela passe a acusar a irresponsabilidade da Funai como causadora do mal?"

Na verdade, a única manifestação que houve durante a conferência de Cláudia Andujar foi a baderna entre os estudantes após o apagar das luzes para a apresentação dos slides. Eles faziam gozação entre si, o que foi aproveitado por um repórter do jornal Movimento para acusá-los e ao povo roraimense de "sentimento anti-Índigena que existe em Boa Vista, transmitido de pai para filho em cada lar, disseminado em cada escritório ou revendido barato em cada casa comercial, espalhado oficialmente em cada escritório ou repartição pública".

CFEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Volvo do Baricão

Class.:

25

Data: 15/05/81

Pg.:

13

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Pernambuco Class.: 25

Data: 15/05/81 Pg.: 13 (Pent.)

PARQUE

Ciáudia defendeu a urgente criação do Parque Yanomani como forma de preservar os Yanomani de um contato imediato e genocida com a civilização. Ela não chegou a sugerir quem deveria administrar o parque nem tampouco como seriam exploradas as riquezas minerais existentes na área. Porém, deixou subentendido, após a apresentação de um filme no Parque do Xingu, que o futuro Parque Yanomani seria igual. Como o Parque do Xingu foi o modelo de preservação da cultura indígena apresentado por Ciáudia, algumas pessoas lamentaram que ela não entendesse que aquilo é uma das piores formas de exploração do índio. Eles ficam expostos, como num zoológico, à visitação pública, prostituindo sua cultura ao promoverem suas festas e rituais para turistas.

O bispo D. Pedro Casaldáliga que se recusou a conceder qualquer entrevista à imprensa local, em Manaus conclamou os advogados, os antropólogos, os estudantes e o povo para lutarem em defesa do índio. Ele não apresentou nenhuma razão para excluir a imprensa noroeste do debate da questão indígena, mas concedeu ampla entrevista ao jornal Movimento sobre o índio noroeste.

Em "Carta de um amigo a todos os índios do Território", D. Pedro Casaldáliga afirma que "O branco, quando chegou a este continente, botou todos os nativos dentro do cocho de um só nome: "Índios". Como se os muitos povos deste continente não tivessem nem nome, nem história. E a todos perseguiu por igual, como caça. De todos arrancou a terra, os costumes, a paz, a vida. Vocês que sobreviveram a tanta perseguição e a tanta cobiça dos brancos invasores, façam, agora, dessa palavra "Índios" uma bandeira só: a bandeira de uma grande pátria. Ameríndia, a América dos Índios Unidos, respeitados e livres".

Esta carta, divulgada pelo jornal Movimento provocou apreensão nos meios políticos noroestenses. Seguindo o raciocínio claro do bispo Casaldáliga, eles concluíram que o Cimi está lutando de fato por uma divisão entre brancos e índios, que nunca houve no Brasil, e a formação de um país indígena. Para eles, tudo vai começar por aqui, quando for concretizado o Parque Yanomani. A teoria de D. Pedro Casaldáliga que é suscetível de crítica e de correções deverá ser discutida amplamente entre os partidos políticos e diversas associações de classe noroestense. Eles garantem que da mesma forma como o bispo se julga com direito de propor e de falar em nome do índio, eles que vivem em Noroeste também têm este direito, apesar do radicalismo e da utópica proposta.

POSIÇÃO

A falta de argumentação de Ciáudia Andujar e a utopia de D. Pedro Casaldáliga só é comparável com o infantilismo esquelético de Renato Ahtias, pertencente ao Cimi e Editor do jornal O Porantim. Ela, que procurou evitar qualquer contato do bispo e da fotógrafa com a reportagem deste jornal, afirmou que não mais viria a Boa Vista porque vai pra Europa estudar e "aquí é um inferno". Inicialmente, ele queria saber qual a posição do jornal — se da esquerda ou da direita. Ao ser informado que o jornal tinha compromisso com os fatos, com Noroeste e com sua gente, afirmou que não poderia conceder entrevista porque não tinhamos denunciado a intimidação que sofrera o Padre Jorge no Surumu. Diante de tanta festividade resolvemos cancelar a entrevista e não informá-lo que não só denunciámos a tramóia como também fomos ao fundo da questão e sabemos quem é o autor intelectual do plano.

De qualquer forma, enquanto o Cimi se acreditar infalível e senhor absoluto da verdade; a Funai na sua irresponsabilidade criando conflitos entre índios e brancos e não fazendo nada pelos primeiros, a questão indígena continuará neste nível. Com certeza não serão as "emancipações compulsórias" do coronel Nobre da Veiga ou a "Pátria Ameríndia" de D. Pedro Casaldáliga que resolverão a questão indígena. Tudo será resolvido quando todos deixarem de falar em nome do índio, e passarem de fato a fazerem ~~isso~~ pelo índio.